

# INVASORES QUEIMAM E AMEAÇAM EM OURÉM

### Vítimas do massacre já foram sepultadas

Com a chegada dos legistas contratados pela Funai, puderam ser enterrados ontem os 20 corpos das vítimas dos índios Caiapós, na fazenda Espadilha, no sul do Pará, cinco dias depois de mortos.

O major Marco Antonio Luchini, designado pelo Conselho de Segurança Nacional para apurar as causas do incidente, atribuiu a um boato de má fé a irritação dos índios com os fazendeiros e a consequente fúria com que atacaram e mataram a bordunadas 20 pessoas, entre homens, mulheres e crianças, segunda-feira.

O boato teria sido transmitido aos índios por um pequeno fazendeiro local, Sebastião Fernandes, conhecido na região como "Chico Bigode". Disse o coronel que, por esse boato, os índios tomaram conhecimento de que 1 mil 800 homens estavam se deslocando para desmatar uma área contestada pelos Caiapós e ainda não demarcada pela Funai. "Chico Bigode" teria dito aos índios que os homens estavam a serviço do Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins (Getat), criado pelo Governo para regularizar a situação das terras na região.

Em Brasília, a Funai informou que a Polícia Federal afastou a hipótese de que os índios Xavantes tenham destruído cerca de 30 metros de uma ponte sobre o córrego Ariões, na BR-158, região leste de Mato Grosso.

A destruição parcial da ponte foi causada por um incêndio quarta-feira passada, provocando a interdição total da rodovia por pelo menos uma semana, tempo necessário aos trabalhos de restauração.

O delegado em exercício da Fundação Nacional do Índio em Belém, Jorge Bahia, não acredita que a chacina ocorrida na "Fazenda Espadilha" seja de autoria dos índios Gorotire. Na tarde de ontem, numa conversa com a reportagem, Bahia disse não crer nessa hipótese, embora não tenha levantado outras, acerca de prováveis suspeitos da chacina.

Jorge Bahia conseguiu falar ontem com o delegado da Funai, que está na reserva indígena Gorotire, em Conceição do Araguaia. Mas o delegado não quis — segundo Bahia — adiantar qualquer informação, acrescentando que chegará hoje a Belém, ocasião em que responderá a qualquer pergunta da imprensa.

Ontem à tarde chegaram quatro dos sete agentes que a Polícia Federal mandou para proteger a reserva indígena. De acordo com uma fonte da Polícia Federal, em Belém, já está formada, desde ontem, uma comissão de inquérito para apurar os fatos ocorridos na "Espadilha". Cessa, assim, o trabalho da PF de Belém na reserva.

Essa comissão foi designada por Brasília e chegou ontem à reserva dos Gorotire. Durante o máximo 30 dias, a Polícia Federal já terá condições de saber quem foi o culpado no massacre, quem iniciou o problema, segundo a fonte. Daí, todo o processo segue para a Justiça Federal. Para cuidar desse caso, estão na área um delegado, um agente, perito criminal, dois médicos legistas e diversos auxiliares.

### Darcy Ribeiro classifica Funai de irresponsável

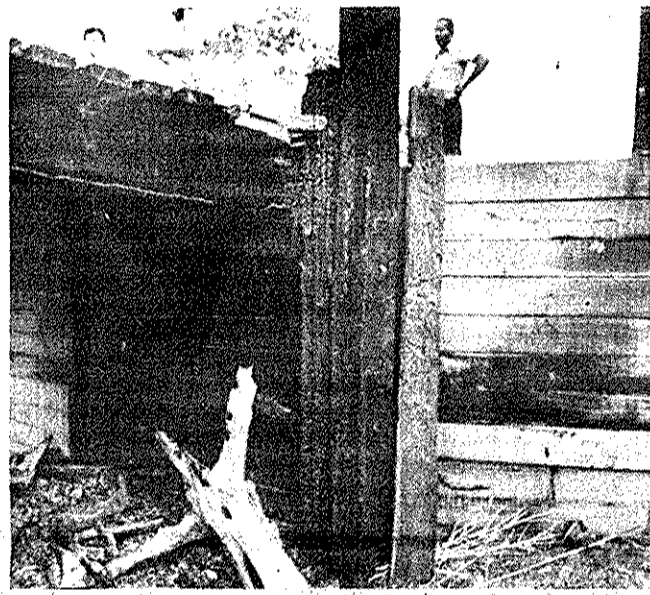
RECIFE — "A Funai já chegou a demitir, certa vez, 38 antropólogos, e os substituiu por sargentos. E a mesma coisa que despedir os médicos de um hospital e contratar cabos para cuidarem dos pacientes. É necessária a transformação radical daquele órgão, porque, se não for mudada, inclusive a sua diretoria, a tendência dos conflitos entre índios, fazendeiros e grileiros é aumentar ainda mais".

A afirmação foi feita ontem aqui, pelo ex-ministro Darcy Ribeiro, em entrevista, na qual acrescentou que a irresponsabilidade da Funai "deixa o país inteiro diante de uma situação vexatória e o coloca mal diante da opinião pública internacional. Aquele órgão, que deveria cuidar do bem dos índios, está completamente deteriorado, pois é dirigido por coronéis tão pouco eficientes que até estão aposentados".

Segundo o antropólogo, "se a Funai seguisse as atitudes do SPI dos tempos do marechal Rondon, nada disso haveria. Mas seus funcionários passaram a ser corrompidos por fazendeiros e não há mais terra de índio defendida, mas dos fazendeiros e grileiros..



A ponte de 18 metros, queimada nas extremidades, já foi recuperada



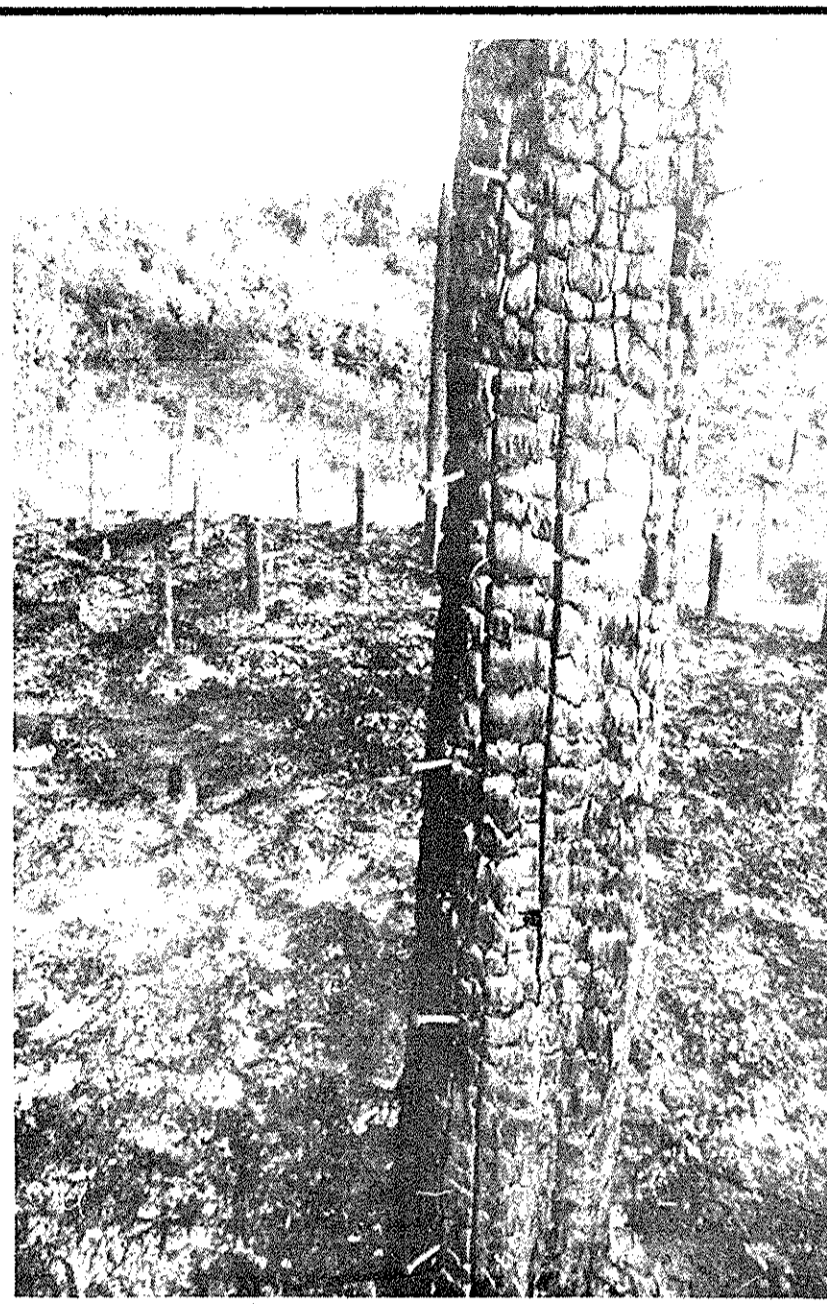
Aqui começaram as chamas na ponte do rio Tauari



Só restaram as paredes desta casa na área de Meger



A viga serrada: Um prego impediu um corte maior



Só cinzas restaram do alojamento dos soldados que escaparam



La Rovere apagou o fogo e falou do sobressalto em Pau de Remo

As versões sobre o incêndio em seis casas e na ponte sobre o rio Tauari, no Município de Ourém, são contraditórias. A população da localidade de Pau de Remo, palco dos acontecimentos, não crê que os nove homens que queimaram a ponte e as casas sejam índios. Dizem eles que não passam de colonos descontentes. Outros, asseguram que se trate de remanescentes da tribo dos Tambés, conforme já foi noticiado.

Ontem, uma guarnição da Polícia Militar do Estado, composta de 1 tenente, 1 sargento, 1 cabo, e 5 soldados, enviada à área pelo Comandante Geral, começou a fazer as investigações tomando depoimentos de 8 pessoas, entre colonos e comerciantes. A situação está calma, mas, na rua, não se comenta outra coisa, especialmente quando chegam jornalistas.

Segundo o comerciante Armando de La Rovere Filho, dono da Casa Peixe-Boi, onde estão alojados os policiais, na terça-feira, pela manhã, os 9 homens, intitulando-se índios e usando o nome da Funai, chegaram à ponte com uma motosserra e começaram a serrar as vigas. Como cerca de 2 metros adiante havia uma guarita e um alojamento, onde um cabo e um soldado davam serviço à Funai, eles foram até os militares e disseram que iriam destruir a ponte, único meio de passagem.

O cabo, quando soube que os homens se diziam a serviço da Funai disse que possuía um superior, mas como eles haviam passado por cima desse superior, retirou os equipamentos da guarita e levou-os para a Casa Capitão-Poço e foi para o Município do mesmo nome, juntamente com o soldado.

Os homens então começaram a serrar uma das vigas mestras, e chegaram a corta-la porém não lograram muito êxito no serviço pois

ao topar com um prego de grossa espessura, a lita da moto-serra descarrilhou. Não arredaram o pé do local, e começaram a atear fogo nas duas "cabeças" da ponte, ontem já recuperada por funcionários da fazenda "Irmãos Coragem", de propriedade de Samuel Meger, e que está situada dentro da reserva Tembés.

O fogo já tomava proporções quando a população local, vendo seu único meio de passagem para as áreas de cultivo de arroz e milho, situadas nas colônias ser destruída começou com a ajuda de latas e panelas a apagar o fogo. Nessa hora, os "índios", já tinham ido embora para Capitão Poço, dizendo que iriam consertar a moto-serra e voltariam para fazer o serviço que o fogo não conseguisse fazer, isto é, destruir totalmente a ponte.

Ainda na terça-feira, por volta das 22:00 horas, a população de Pau de Remo ficaria novamente sobressaltada: estavam pegando fogo quatro casas, situadas a poucos metros da ponte, bem como a guarita e o alojamento dos policiais. Das primeiras só restaram algumas paredes laterais, enquanto que das últimas, só as cinzas.

As cercas de arame farpado foram quebradas, e mamoeiros foram decepados a golpes de terçados. Não há vestígios de tiros. A população reunida tentou, com os mesmos utensílios, apagar as enormes labaredas, mas tudo foi praticamente em vão. Resolveram tomar uma atitude mais séria: armaram-se e ficaram de plantão na "cabeça" da ponte aguardando nova investida dos incendiários. Eram cerca de 70 homens armados de facões, espingardas e revólveres dispostos a matar os nove "índios", caso voltassem. Estes não voltaram.

No dia seguinte, ainda ficaram no local, mas nenhuma novidade aconteceu, como também na quinta-

feira. Ontem, às 10:00 horas, chegou o destacamento da PM e começaram a ser tomados os depoimentos. As versões se contradizem. Os próprios policiais sob o comando do tenente Adonai disseram que os autores do incêndio foram colonos que diziam cumprir ordens da Funai.

As investigações continuam hoje, quando serão ouvidos funcionários e o proprietário da fazenda "Irmãos Coragem". O delegado de Ourém, tenente Acácio Cabral, há um ano no cargo, disse que a invasão do território dos Tambés começou em 71, data da implantação da fazenda, e nessa mesma época vários colonos oriundos de outras áreas começaram a apossar-se de glebas.

### Homens armados na cabeça da ponte

A fazenda "Irmãos Coragem", da família Kabacznik, de origem polonesa, está sob a ameaça de cerca de cem revoltados moradores do vilarejo "Pau de Remo", no município de Ourém. Os moradores acreditam que os Kabacznik já tenham pronta uma outra estrada de acesso entre a reserva indígena do Alto Rio Guamá e o vilarejo e que, por esse motivo, estejam tentando destruir a ponte de madeira que se constitui, atualmente, na única ligação entre os dois lugares.

Ontem, em Belém, Yossef e Mejer Kabacznik (este, patriarca da família), em entrevista a O LIBERAL, afirmaram que foi preciso a intervenção da Polícia Militar para conter a fúria dos moradores. Segundo Yossef, tudo começou na terça-feira passada, quando nove índios chegaram à velha ponte de madeira (de 18 metros de extensão) que liga a reserva ao povoado e, munidos de uma motosserra, tentaram cortar totalmente suas tábuas. Acontece que há um acampamento da Polícia Militar às proximidades,

Os índios esboçaram reação, o problema foi contornado e a população estrangeira e por isso mesmo desconfiada que os nove homens sejam índios, porque não tem conhecimento de ataques recentes. Os últimos datam de 20 a 30 anos, quando Tembés e Gaviões iam até Ourém roubar mantimentos, sempre ferindo ou matando alguém.

Estranham também, que mesmo aculturados, os índios tenham recursos para adquirir ou mesmo alugar um caminhão, veículo usado pelo grupo na terça-feira. Achar que é uma trama que pode partir até do próprio Meger, para usar o atentado como argumento que garanta a expulsão dos colonos de terra onde

está sua fazenda, e que por sua vez está na terra dos Tembés.

Por aí vão as versões, uma contradizendo a outra, mas possivelmente hoje, ou amanhã, se tenha uma pista mais segura, a partir do que irão apurar os policiais nos depoimentos. Um colono, e que passava pelo local com um carregamento de milho levado no lombo de 4 cavalos assegurou que "aqui não existem índios. Eu conheço isto aqui palmo a palmo e garanto que não tem índio". Sabe-se que há uma aldeia Tembés distante meia hora de barco de Ourém, segundo informaram moradores da localidade de Marapinima. A área do Pau de Remo é de jurisdição do Incra, situado no Projeto Fundiário de Paragominas.

com quatro soldados que mensalmente são substituídos. Vendo a disposição dos índios, os soldados tentaram impedir que a ponte fosse destruída. Em desvantagem, só a muito custo foi possível convencer os índios (tembés, gaviões e urubus) da imprudência do gesto. Por fim, convidaram o grupo a comparecer à delegacia de Capitão Poço para maiores esclarecimentos. Contudo, antes de saírem, os índios puseram fogo nas duas extremidades da ponte, para que caísse sobre o rio.

Depois, na delegacia, os índios explicaram que estavam revoltados com a penetração constante de brancos em suas terras, para derrubar madeira e fazer roçados. Os índios chegaram ao local da ponte numa camioneta pertencente, possivelmente, a um morador do Km 47 da rodovia Pará-Maranhão.

Na ponte, logo que o grupo saiu para Capitão Poço, chegaram diversos moradores de Pau de Remo e da própria reserva indígena. Viram o fogo se alastrando e conseguiram apagá-lo. Desde esse momento, con-

ta Yossef, ficaram montando guarda na ponte, armados de paus, facas, facões, espingardas cartucheiras. Pouco a pouco, aproximadamente cem pessoas fizeram do local "um acampamento de guerra". Anteontem, um caminhão transportando víveres para a fazenda "Irmãos Coragem", localizada dentro da reserva, foi impedido de passar, inclusive com ameaças de morte. Os moradores argumentaram que os Kabacznik foi que mandaram os índios para acabar com a ponte, porque já têm uma estrada de 25 quilômetros pronta. Yossef avisou a polícia e 11 soldados, sob o comando do tenente Adonai da PM, foram mandados para a área, conseguindo amainar os ânimos.

Yossef conta que a família está realmente empenhada em concluir a estrada, que segue um caminho oposto ao da ponte, mas que também ligaria a fazenda "Irmãos Coragem" e Pau de Remo, porém, os custos são muito altos e somente daqui a dois anos a estrada estará pronta.